

ESCOLA MUNICIPAL FIORINDO RONCON		
Nome do aluno:		Semana 7
Professor:	Data: ___/___/2021	Turma:
Campos de Experiência: Traços, sons, cores e formas. O eu , o outro e o nós.		

SEXTA – FEIRA – 23 de abril

Atividade: Atividade baseada na Fábula o macaco e o rabo.

Aplicação: assistir o vídeo que conta a fábula do macaco e o rabo.

Depois faça um desenho com a mão da criança e faça a carinha do macaco e pinte com lápis de cor ou giz de cera.

Materiais: papel sulfite, lápis 2b, borracha, giz de cera.

Duração 1 aula.

Link do vídeo contando a fabula

<https://www.youtube.com/watch?v=iAIngsW6Qgg>

link da imagem da atividade

https://drive.google.com/file/d/1-6IUz_ms0irsaA671JKBlvYzfL1mdprU/view?usp=sharing



FÁBULA O MACACO E O RABO

Era um macaco que resolveu sair pelo mundo a fazer negócios. Pensou, pensou e foi colocar-se numa estrada, por onde vinha vindo, lá longe, um carro de boi. Atravessou a cauda na estrada e ficou esperando. Quando o carro chegou e o carreiro viu aquele rabo atravessado, deteve-se e disse:

– Macaco, tire o rabo da estrada, senão passo por cima!

– Não tiro! – respondeu o macaco – e o carreiro passou e a roda cortou o rabo do macaco.

O bichinho fez um barulho medonho.

– Eu quero o meu rabo, eu quero o meu rabo ou então uma faca!

Tanto atormentou o carreiro que este sacou da cintura a faca e disse:

– Tome lá, seu macaco dos quintos, mas pare com esse berreiro, que está me deixando zozinho.

O macaco lá se foi, muito contente da vida, com a sua faca de ponta na mão.

– Perdi meu rabo, ganhei uma faca! Tinglin, tinglin, vou agora para Angola!

Seguiu caminho.

Logo adiante deu com um tio velho que estava fazendo balaio e cortava o cipó com os dentes.

– Olá amigo! – berrou o macaco – estou com dó de você, palavra! Tome esta faca de ponta.

O negro pegou a faca mas quando foi cortar o primeiro cipó a faca se partiu pelo meio.

O macaco botou a boca no mundo – eu quero, eu quero minha faca ou então um balaio!

O negro, tonto com aquela gritaria, acabou dando um balaio velho para aquela peste de macaco que, muito contente da vida, lá se foi cantarolando:

– Perdi meu rabo, ganhei uma faca; perdi minha faca, pilhei um balaio! Tinglin, tinglin, vou agora para Angola!

Seguiu caminho.

Mais adiante encontrou uma mulher tirando pães do forno, que recolhia na saia.

– Ora, minha sinhá – disse o macaco, onde já se viu recolher pão no colo? Ponha-os neste balaio.

A mulher aceitou o balaio, mas quando começou a botar os pães dentro, o balaio furou.

O macaco pôs a boca no mundo.

– Eu quero, eu quero o meu balaio ou então me dê um pão.

Tanto gritou que a mulher, atordoada, deu-lhe um pão. E o macaco saiu a pular, cantarolando:

– Perdi meu rabo, ganhei uma faca; perdi minha faca, pilhei um balaio; perdi meu balaio, ganhei um pão. Tinglin, tinglin, vou agora para Angola!

E lá se foi muito contente da vida, comendo o pão.